

PRÁTICAS DE LEITURA NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Suellem Ferreira Amaral¹
Michelle Castro Lima²
Ana Lúcia Ribeiro Nascimento³

Esta pesquisa teve início a partir da convicção de que a leitura é um dos momentos mais importantes da criança em sala de aula. Além disso, entendemos também que um dos maiores desafios de quem leciona nos primeiros anos do ensino fundamental é compatibilizar as inúmeras responsabilidades com a necessidade de alfabetizar as crianças.

Atualmente, estudos e pesquisas sobre a alfabetização e seu contexto educacional no ensino vêm se tornando uma tendência. Com o passar dos anos, as pesquisas realizadas no Brasil registram elevados índices de fracasso escolar, e evidencia-se essa situação em praticamente todos os estados da federação.

Perguntas relativas sobre como os alunos chegam, cada vez mais, aos anos finais do ensino fundamental, ao ensino médio e até mesmo à universidade com grandes dificuldades para interpretar textos e contextos, articular ideias e escrever são cada vez mais frequentes, pois ocorrências deste tipo têm sido recorrentes em vários ambientes do mundo, principalmente em ambientes educacionais.

Assim, em virtude de críticas sobre a problemática que se encontra no âmbito da alfabetização de crianças, bem como a dificuldade de inserção no mundo da escrita, verifica-se no contexto escolar uma necessidade de se averiguar os processos utilizados e os resultados alcançados na alfabetização de crianças.

Com base na metodologia qualitativa, realizou-se uma pesquisa em uma escola municipal localizada no município de Morrinhos – Goiás, que prepara seus alunos para a Alfabetização.

A referida escola atende alunos do 1º ao 5º ano, sendo que para esta pesquisa escolhemos as professoras de 1º a 3º ano dos turnos matutino e vespertino, séries que compõem o ciclo de alfabetização segundo o Ministério da Educação.

A realização desta pesquisa não ofereceu desconforto aos professores, já que foi realizada no ambiente escolar e os dados obtidos na mesma só foram utilizados para fins acadêmicos, garantindo a confidencialidade e preservação da identidade dos sujeitos investigados.

Metodologicamente, a pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório. Utilizou-se o cruzamento de fontes orais, (história oral) e impressas (bibliográfica), e para a coleta de dados, técnicas de observação em sala de aula e entrevistas semiestruturadas com as docentes, como forma de identificação da prática das alfabetizadoras.

Este estudo propõe-se conhecer e compreender mais detalhadamente o modo como os professores trabalham obras literárias e livros didáticos de língua portuguesa em sala de aula, constatando suas contribuições e implicações na prática docente, de modo a entendermos se realmente estes são trabalhados de forma que ajude as crianças na aprendizagem do código alfabético e a compreenderem os usos sociais da leitura e da escrita.

¹ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos, GO, Brasil. *E-mail:* suellem_ferreira123@hotmail.com.

² Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos, GO, Brasil. *E-mail:* michelle.lima@ifgoiano.edu.br.

³ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos, GO, Brasil. *E-mail:* anaminzinha@hotmail.com.br.

Os reexames das teorias e práticas atuais de alfabetização tornam-se necessários na tentativa de descobrir o caminho que está sendo percorrido no intuito de atualizar e reconfigurar os paradigmas da alfabetização, que consistem nas concepções e práticas de métodos, na natureza dos materiais didáticos e ainda nas estratégias e utilização desses materiais pelos alfabetizadores. Como afirma Machado e Rocha (2011, p. 39), “é muito importante que a leitura dada para as crianças pequenas seja bem rica - no sentido de fazer referência a muitas coisas, de sair dos assuntos mais comuns, mais piegas e mais óbvios para assuntos diferentes, ou que explorem aspectos inusitados do trivial”.

Podemos inferir, a partir da realização desse estudo, que é preciso superar a concepção sobre aprendizado inicial da leitura, pois em todas as entrevistas constata-se que para as professoras ler é simplesmente decodificar os códigos linguísticos, sendo a compreensão uma consequência natural no processo. Segundo Rojo (2009):

No desenvolvimento das pesquisas e estudos sobre o ato de ler, ao longo desses cinquenta anos, muitas outras capacidades nele envolvidas foram sendo apontadas e desveladas: capacidades de ativação, reconhecimento e resgate de conhecimento armazenado na memória, capacidades lógicas, capacidades de interação social etc. A leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrita) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de *compreensão*, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas. (ROJO, 2009, p. 76-77).

A visão das professoras sobre o ato de ler continua presa aos conceitos tradicionais e elas ainda usam o livro didático como material central para o desenvolvimento das atividades no ciclo de alfabetização. O livro didático, muitas vezes, apresenta algumas implicações na sua utilização, sendo empregado como o único recurso na prática docente, mesmo tendo em vista que este não supre as especificidades, a diversidade e as características de cada turma. As obras literárias são expostas em um canto da sala denominado “cantinho da leitura”, os quais são utilizados apenas ao término de alguma atividade presente nos livros didáticos.

Durante os momentos de observação em sala de aula, verificamos que não existe revezamento de livros, ou seja, o aluno lê um livro por inúmeras vezes, e quando realiza esta atividade a faz apenas para passar o tempo sem qualquer atividade posterior de reflexão.

A influência da leitura na alfabetização

Ler é descobrir, é conhecer um mundo novo. A leitura é uma atividade determinante na formação das crianças. Esta leitura aqui referida é “pois, uma decifração e uma decodificação” (CAGLIARI, 2009, p. 133). A leitura sendo o objetivo da escrita torna-se demasiadamente importante no processo de alfabetização, mais importante que escrever é necessário saber ler.

Neste sentido, a escola precisa agir de modo a prestigiar a leitura, não a deixando como uma atividade secundária, pois lendo se aprende a escrever. É comum ler artigos que tratam de alunos que estão em cursos superiores e não conseguem interpretar os textos acadêmicos. Tal fato pode ter sido causado por deficiência na alfabetização.

Em diversos momentos presenciamos em sala de aula que professores alfabetizadores priorizam a escrita e não desenvolvem a leitura de maneira a levar o aluno a perceber uma nova história. “Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de

prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar” (CAGLIARI, 2009, p. 148).

Familiarizar à criança com a leitura é permitir que ela descubra novos conhecimentos, desse modo,

o livro deixa de ser apenas um meio para exercer uma competência anteriormente adquirida: ele, em si mesmo, transforma a aprendizagem. Quando colocadas desde muito cedo em contato com o livro, as crianças descobrem o funcionamento da escrita bem antes da alfabetização (BAJARD, 2014, p. 299).

Uma vez que a literatura infantil é bem trabalhada em sala de aula, favorece e facilita a aprendizagem, haja vista que a mesma é um recurso pedagógico fundamental na alfabetização. Buscamos apresentar a importância de se trabalhar diferentes gêneros textuais durante o processo de alfabetização, pois acreditamos, assim como Soares (2014), que o processo de alfabetização não pode ser separado do processo de Letramento. Precisamos ensinar as crianças a lerem e escreverem, bem como compreenderem os textos. Ao final do ciclo de alfabetização, é necessário que o nosso aluno compreenda e saiba fazer o uso social da leitura e da escrita.

Propostas para o ensino de leitura

A criança ao ingressar na escola começa a ter contato com atos de leitura, seja por meio de imagens ou através da leitura oral realizada pela professora. Os textos lidos precisam ser de interesse da criança para que ela possa buscar sentido nos mesmos.

É preciso que os alunos tenham contato direto com obras literárias. Assim, eles aprendem a manusear o livro e reconhecer suas formas. Com o intuito de formar leitores, os professores precisam organizar espaço, tempo e acervo para que as crianças tenham contato com este universo.

Em nossas observações, percebemos que existe um espaço na sala de aula chamado “Cantinhos da Leitura”, porém algumas obras encontradas estão danificadas e o acervo é limitado. Além disso, a leitura é praticada nos momentos em que se termina alguma atividade, sem qualquer planejamento pedagógico ou em aulas de português utilizando o livro didático.

Acreditamos que para se formar leitores na escola, os alfabetizadores precisam dispor de um tempo diário para momentos de leitura e esta necessita ser interessante para os alunos, além de fazerem parte de sua realidade.

Segundo Aguiar,

O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos a realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. A literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil nacional vêm preencher estes quesitos ao fornecerem textos diante dos quais o aluno facilmente se situa, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o consequente desencadeamento do ato de ler (AGUIAR, 1993, p. 18).

Nos momentos de leitura é importante que o professor ofereça aos alunos meios de interpretação a fim de garantir-lhes diferentes observações acerca do material que está sendo utilizado. Uma prática constante de leitura, com intervenção dos alfabetizadores, ainda que os

alunos não consigam decifrar totalmente os códigos da escrita, possibilita às crianças maior aprendizado, favorecendo a criatividade.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa observamos a prática das professoras alfabetizadoras e através das entrevistas identificamos os conceitos de leitura, escrita e alfabetização defendidos pelas mesmas. Há, contudo, uma preocupação como se pensa a alfabetização desvinculada do letramento e, como isso, tem influenciado o desenvolvimento dessas crianças na sua vida acadêmica e social. Na escola, lócus dessa pesquisa, as professoras acreditam que é possível formar leitores e cidadãos críticos ensinando-os apenas a codificar e decodificar.

Acreditamos que para alcançar um processo de alfabetização pleno no qual os alunos saibam codificar, decodificar, compreender os textos e conhecer, bem como saber usar a leitura e a escrita dentro da sociedade que estão inseridos é necessário trabalhar com diferentes gêneros textuais e com textos que apresentem a realidade que não se pareçam com os chamados textos “cartilhescos” (textos artificiais, linguisticamente pobres).

Referências

AGUIAR, V. T. de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAJARD, É. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

MACHADO, A. M.; ROCHA, R. **Contando histórias, formando leitores**. Campinas: Papyrus, 2011.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.